

2ª
EDIÇÃO

NÍVIO RAMOS SALES

BÚZIS

*Caídas
Significados
Leituras*

A fala dos



ORIXÁS

Copyrighted material

Hidden page

*O jogo de búzios é
uma das mais
genuínas criações
brasileiras no campo das
artes divinatórias.*

*Embora suas raízes
possam ser
encontradas no jogo
de Ifá dos povos
africanos, o que
atualmente é praticado no
Brasil pouco lembra o original.*

*Há séculos envolto em
mistério, seus segredos só
eram conhecidos pelos
iniciados considerados aptos
para a prática da vidência. Só
há poucos anos, entretanto,
essas informações começaram
a ser divulgadas em livros e
oralmente, devido à
necessidade de preservação e
continuidade do mesmo,
tornando-se sua prática muito
popular e igualmente apreciada
pelos não-iniciados.*

*BÚZIOS: A FALA DOS ORIXÁS não é
apenas mais um livro dos
muitos sobre o jogo. Embora
se reconheça que os princípios
gerais são quase os mesmos
em todas as religiões afro-
brasileiras, existem diferenças
entre as interpretações e as
caídas nas várias nações de
candomblé e nas diferentes
regiões do país. Assim, cada
nova obra que descreva mais
uma dessas variantes
contribui com uma peça para*

NÍVIO RAMOS SALES

S

ENT

RU

BA

2ª Edição

2ª reimpressão

**Caídas
Significados
Leituras**

A fala dos

ORIXÁS



Rio de Janeiro
Impresso no Brasil

Copyright©2001
Nívio Ramos Sales

Produção editorial
Pallas Editora

Revisão
Wendell Setúbal
Heloisa Brown

Diagramação
Vera Barros

Capa e ilustrações de miolo
Renato Martins

Fotolito de capas e ilustrações
Minion Tipográfica

Todos os direitos reservados à Pallas Editora e Distribuidora Ltda. É vetada a reprodução por qualquer meio mecânico, eletrônico, xerográfico etc., sem a permissão por escrito da editora, de parte ou totalidade do material escrito.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE.
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

5155b Sales, Nívio Ramos.
2ª ed. Búzios: a fala dos orixás: caídas, significados, leituras /
2ª reimp. Nívio Ramos Sales; [capa e ilustrações de miolo, Renato
Martins] – 2ªed. – Rio de Janeiro: Pallas, 2007.

21 cm; il.
Inclui bibliografia.
ISBN 978-85-347-0331-4

I. Jogo de búzios. 2. Destino e fatalismo. 3. Candomblé.
I. Título.

01-0314

CDD 299.67
CDU 299.6.3

Pallas Editora e Distribuidora Ltda.
Rua Frederico de Albuquerque, 56 – Higienópolis
CEP 21050-840 – Rio de Janeiro – RJ
Tel./fax: (021) 2270-0186
www.pallaseditora.com.br
pallas@pallaseditora.com.br



*Aos meus filhos Marcelo, Christian e Eric,
que cresceram acompanhando este trabalho.*

This One



FE7R-R8R-JLLG

SUMÁRIO

[Apresentação • 9](#)

[Primeira Parte: Descrição do Jogo • 15](#)

[1. Finalidades • 17](#)

[2. Princípios Gerais do Jogo • 18](#)

[3. Material do Jogo • 20](#)

[4. Preparação dos Búzios • 21](#)

[5. Regras Básicas do Jogo • 22](#)

[6. Dinâmica do Jogo • 23](#)

[Segunda Parte: As Respostas dos Búzios • 27](#)

[1. Os Orixás Respondem • 29](#)

[2. A Jogada de Confirmação • 132](#)

[3. Configurações Comuns no Jogo de Búzios • 134](#)

[Mensagem Final • 143](#)

[Bibliografia • 145](#)

APRESENTAÇÃO

Diversas variedades de técnicas divinatórias são praticadas dentro das religiões afro-brasileiras. Talvez a mais conhecida atualmente (entre as originárias das culturas africanas) seja o jogo de búzios, amplamente utilizado tanto para satisfazer às necessidades do culto, quanto para atender a consulentes leigos.

Embora sua prática correta exija um longo processo de iniciação e de treinamento no interior do culto, hoje em dia o jogo não é mais cercado do mistério criado pela obrigação do segredo religioso que, muito mais que uma necessidade real, serviu em certo período como instrumento de poder e de manutenção da posição hierárquica de seus praticantes. Atualmente, os sacerdotes dedicados à prática oracular sentem-se em geral suficientemente seguros de seu saber para poder compartilhar suas experiências sem sentir-se ameaçados em sua prática religiosa. O resultado é a existência, hoje, de uma boa bibliografia sobre o assunto.

Cabe, entretanto, uma observação acerca do conteúdo desse material. Um leitor leigo que compare vários desses livros poderá ter a impressão de que al-

guns de seus autores estão certos e outros estão errados, uma vez que as discrepâncias entre os conteúdos podem chegar ao ponto de um autor declarar formalmente ser errado o que outro autor estabelece como o único modo correto de trabalhar.

Júlio Braga, antropólogo dedicado ao estudo das tradições afro-brasileiras e com vivência pessoal nessas religiões, estabelece com muita clareza as razões da discordância. É preciso saber, em primeiro lugar, que as técnicas divinatórias utilizadas na África foram praticamente esquecidas no Brasil, em decorrência da impossibilidade de reproduzir o processo iniciatório necessário dentro do quadro da sociedade escravagista. O resultado foi uma recriação dessas técnicas, combinando uma memória mais ou menos vaga dos processos originais com práticas correntes de origem européia e com criações originais dos grupos religiosos formados desde que os povos escravos conseguiram começar a reorganizar sua cultura aqui.

Uma característica fundamental dessa reorganização, ainda segundo Júlio Braga, é a inexistência de uma estrutura única, uniforme, para o jogo de búzios. Na África, a adivinhação era realizada por um clero especializado, cuja iniciação dava-se dentro de um sistema religioso bastante formal e dedicado exclusivamente a isso; assim, embora a tradição fosse transmitida oralmente, havia um corpo de conhecimentos organizado para o jogo. No Brasil, essa iniciação era inexistente, salvo no caso de uns poucos sacerdo-

tes que foram até a África submeter-se ao processo; assim, o treinamento passou a ser feito no interior de cada casa religiosa, mantendo-se a tradição da transmissão oral do conhecimento e da aprendizagem por imitação.

É fácil perceber que a estrutura elaborada para o jogo em cada casa de culto foi determinada pelas características específicas de dogma e de rito dessa casa: cada nação de candomblé, cada linha de umbanda, cada variante religiosa das diversas regiões do país criou seu próprio sistema de correspondências simbólicas, seu conjunto de materiais necessários ao jogo, seu próprio ritual oracular e seu sistema de interpretação. Embora na maioria desses casos possa ser percebido que se trata de um único jogo com diversas variantes, isso é suficiente para criar grandes diferenças no modo de jogar entre os iniciados de cada linha religiosa.

Um problema adicional é criado pelo fato de que, enquanto o jogo era um segredo de culto e sua transmissão era exclusivamente oral e feita dentro do processo de iniciação, cada novo praticante somente podia aprender a forma como seu pai-de-santo executava o jogo, dentro dos limites nos quais o mestre desejava ou conseguia transmitir seu conhecimento; e como essa tradição é recente e pouco sedimentada, houve (e ainda há) grande margem para a introdução de variações pessoais por parte de cada praticante. Desta forma, o jogo aprendido em uma casa, dentro

da tradição de um determinado pai-de-santo, pode ser muito diferente do praticado em outras casas. Essa diferença torna-se muito marcante quando se comparam modos de jogar da umbanda e do candomblé, e também normas dos jogos praticados no Nordeste, no Rio de Janeiro, em São Paulo e no sul do país.

Entretanto, a diversidade de normas e a criação de códigos individuais não invalidam o oráculo: desde que o praticante esteja bem familiarizado com seu código pessoal e desde que ele expresse bem sua intuição, o jogo funcionará corretamente. Portanto, não se justifica a opinião de que um sistema é errado e outro não.

Mais injustificável ainda é a atitude de praticantes do jogo e de religiosos que, partindo da premissa de que somente sua linha religiosa é detentora da verdade, fazem críticas levianas e até mesmo maldosas aos seguidores de outras linhas, sem perceber que o modo como o jogo é praticado por cada um reflete peculiaridades de doutrina e de culto de cada religião, e não as pretensas ignorância ou venalidade.

Recomendamos que o leitor tenha isso em mente ao ler a presente obra. Seu autor é um experiente sacerdote de candomblé, tendo transcorrido sua vida religiosa no Rio de Janeiro; assim, o relato de sua experiência pessoal certamente apresentará discordâncias em relação aos relatos de sacerdotes de outras linhas religiosas e de outras regiões do país. Da mesma forma que este autor preocupa-se apenas em transmitir

honestamente sua experiência, sem fazer críticas levianas a outros praticantes, será desejável que ele receba o mesmo tratamento por parte dos que dele discordarem.

Os Editores

PRIMEIRA PARTE:
DESCRIÇÃO DO JOGO

1. FINALIDADES

O jogo de búzios atende a duas importantes finalidades: em primeiro lugar, permite ao sacerdote identificar o orixá regente de uma pessoa e orientá-la no seu trato; em segundo, ajuda a resolver problemas do dia-a-dia de um consulente, mesmo que ele não seja iniciado na religião.

Para se identificar o orixá de uma determinada criatura, iniciamos por verificar alguns sinais que compõem seus tipos físico e psicológico. Quando olhamos para o indivíduo, seu tipo físico nos remete à imagem de um determinado orixá, a qual apreendemos por intermédio de suas lendas, de seus mitos e de suas histórias. A seguir, começamos a formar um quadro dos traços de sua personalidade, também identificando características do orixá.

Pelo corpo vemos a aparência física, o tipo morfológico, a saúde; a presença de defeitos físicos, de nascença ou não; o vigor, a beleza, a agilidade e, finalmente, a sexualidade, envolvendo potência ou impotência, fecundidade ou esterilidade, frieza ou ardor.

Traçamos o perfil psicológico observando atributos como vaidade, segurança, generosidade, egoísmo, falsidade, indolência, impulsividade e assim por

diante, procurando caracterizar o indivíduo com o auxílio de todos os traços que a natureza humana é capaz de carregar.

Sabemos que a natureza humana, não somente em seu aspecto físico mas também no psicossocial, é formada por vários atributos de origens diversas: alguns adquiridos, apreendidos por meio da socialização; outros herdados, que tanto podem vir diretamente de nossos pais, como de nossos antepassados; e finalmente aqueles que trazemos de outras encarnações, ou seja, de experiências vividas em mundos diferentes. Por isso, devemos encarar o indivíduo como algo dinâmico, mutável e com variadas nuances em todos os seus aspectos.

Devemos, portanto, levar em consideração que o indivíduo é composto por várias energias, sendo que uma delas determina, em última instância, seu comportamento e seu tipo físico. É por isso que a simples observação não é suficiente para a determinação precisa do orixá de uma pessoa: ela apenas nos dará indicações, suposições mais ou menos plausíveis. Para saber com certeza qual é o orixá do consulente, é sempre necessário fazer um jogo; muitas vezes é preciso mesmo consultar outros jogos.

2. PRINCÍPIOS GERAIS DO JOGO

O segredo de uma boa vidência no jogo de búzios não está somente em se conhecerem as lendas,

as histórias e os mitos dos orixás, mas também em saber olhar, em ter acuidade mental, tino para a observação. Geralmente, o jogo de búzios é interpretado a partir da visão do aspecto espiritual do indivíduo; assim, ao identificar um problema na vida do consulente, sempre se recomenda a entrega de uma oferenda a um determinado orixá, para refazer o equilíbrio espiritual rompido.

No plano material, a adivinhação depende muito da capacidade do jogador. Há babalorixás que são excelentes zeladores de santo, mas que falham quando tentam “adivinhar” a vida material de seus filhos ou clientes. Portanto, nem sempre um bom babalorixá é um bom jogador de búzios, e vice-versa.

Quando se lançam os búzios no espaço sagrado, eles formam vários desenhos. É neles que reside um dos maiores fundamentos do bom vidente: a capacidade de interpretar o que dizem os desenhos apresentados pelos búzios, que são a manifestação dos orixás que regem aquela caída ou jogada.

É claro que todo esse conhecimento não é adquirido da noite para o dia, nem pela simples leitura superficial de um livro sobre o assunto. Ele decorre de muitos anos de experiência após a iniciação no trabalho com o oráculo; resulta do desenvolvimento da vidência por meio da prática e do lidar com os orixás. O jogador também deve sempre procurar aprender novas lendas, novos mitos e histórias dos orixás, que mostram o lado positivo e o negativo da sua natureza: nes-

nas narrativas estão sempre presentes os conflitos dos seres humanos, seus desencontros e as origens dos seus problemas. O jogador deve sempre procurar se reciclar, adquirir mais conhecimentos, refazer seus conceitos e não pensar que já sabe tudo; deve lembrar que na vida nada sabemos, estamos sempre iniciando.

Paciência, fé, persistência e, principalmente, o “dom” são os elementos mais importantes para um bom vidente, em qualquer tipo de manifestação mediúnica.

Para terminar, tenha em mente que o jogo de búzios pode ser uma forma de terapia ocupacional bem interessante, agindo psicologicamente sobre o indivíduo. Por isso, o jogador deve saber usá-lo com discernimento e sem fanatismo.

3. MATERIAL DO JOGO

Embora possamos apresentar uma relação do material básico utilizado no jogo de búzios, não existe forma de oferecer uma informação muito precisa, pois cada pessoa receberá a orientação para a aquisição desse material durante sua iniciação, podendo haver algumas variações, de acordo com seu estágio de momento.

Em linhas gerais, o material é o seguinte:

Uma mesa ou, de preferência, uma esteira, sobre a qual será disposto o material para a realização do jogo.

Uma toalha que forrará a mesa.

Uma peneira de palha (urupema), dentro da qual será feito o jogo.

Um círculo de colares de miçangas nas cores dos orixás, começando com o de Exu, que circundará a peneira, delimitando o espaço sagrado.

Dezesseis búzios com seu dorso (a parte originalmente fechada) cortado (bem aberto), para dar mais equilíbrio ao búzio quando ele cair sobre a mesa. Desses dezesseis búzios, um é sempre maior, representando Exu.

Duas pedrinhas (otás) de tom escuro. O otá masculino é comprido, alongado; o otá feminino é redondo.

Moedas antigas.

Sementes diversas, principalmente *olho-de-Exu*.

Um copo de cristal liso, que ficará sempre cheio com água durante o jogo.

Uma vela, que deve ficar acesa durante o jogo.

4. PREPARAÇÃO DOS BÚZIOS

Converse sempre com os búzios. Alimente-os uma vez por ano, se for possível, com o sacrifício de um pombo branco, mel, azeite-doce e obi. Após esse sacrifício, deixe os búzios descansarem por três dias.

Uma vez por semana, lave os búzios com água da chuva, do mar, de poço ou de nascente, água benta e sumo de erva-de-santa-luzia, oripepê, colônia, saião, folha-da-fortuna e alevante. Faça isso de preferência às sextas-feiras, deixando os búzios no sereno, durante a noite, nesse banho.

Mantenha os búzios sempre guardados, evitando que tenham contato com pessoas estranhas.

5. REGRAS BÁSICAS DO JOGO

Não jogue às sextas-feiras. É o dia consagrado ao Orixá Maior, Oxalá, que deve ser respeitado.

Evite ter relações sexuais no dia em que for jogar. A mulher não deverá jogar quando estiver menstruada.

Antes de iniciar o jogo, procure saber o nome completo do consulente.

Ao arrumar a mesa do jogo, ponha de lado as sementes e os outros apetrechos, que poderão ser usados ou não; disponha para serem manipulados inicialmente apenas os búzios e as pedras.

Para abrir o jogo, reze, em primeiro lugar, para o seu anjo da guarda e, em seguida, para o do consulente. Para o não-iniciado nos cultos afro-brasileiros, qualquer reza é válida; mas para o iniciado existem rezas especiais, como o Oriki, o Quibuque e outras.

Depois das orações, peça permissão a Ifá, a Exu, aos odus e a todos os orixás. No momento de pedir permissão para jogar ao orixá do consulente, entregue-lhe uma das pedrinhas, que ele segurará com a mão esquerda. Após as rezas, a pedrinha é recolhida e incorporada ao jogo, enquanto o jogador faz a reza final, pedindo licença a todos os odus e orixás.

6. DINÂMICA DO JOGO

Ao preparar-se para jogar os búzios, as mãos devem ficar em forma de concha, com todos os búzios dentro; para jogá-los, devem ser abertas com decisão e rapidez.

A estrutura do jogo é dinâmica; a relação entre os orixás varia, mudando assim a cada jogada as configurações, suas qualidades, sua simbologia. Antes de mais nada, é importante saber qual é o orixá que está respondendo na jogada e quais são os que o acompanham. O que permite identificar isso é a posição em que os búzios ficam: eles podem cair “abertos” ou “fechados”, ou seja, com o lado aberto ou o lado fechado para cima. O “búzio aberto” ou lado aberto do búzio é a fenda natural do búzio; o “búzio fechado” ou lado fechado do búzio é o lado que foi cortado (como foi explicado anteriormente).

O formato ou a imagem formada pela caída dos búzios é peça fundamental na interpretação. É necessária muita concentração e boa acuidade visual

para perceber os desenhos que os búzios formam na caída, que podem ser, por exemplo, uma cruz, uma estrada, figuras de animais, letras, um rosto, um corpo de homem ou de mulher, uma espada, um rabo ou uma asa de animal, e assim por diante.

Muitas vezes é necessário identificar pelo jogo qual é o grau do consulente na religião (se é iniciado, se é pai ou mãe-de-santo) ou se cumpriu uma obrigação recentemente. Para isso, é necessário observar os sinais que vão surgindo no decorrer do jogo, que indicarão esses pormenores, como um búzio em pé, um búzio fugindo da mesa, uma pedra sobre outra, uma pedra sobre um búzio etc.

Não procure estudar a fisionomia do consulente, não tente adivinhar seu estado de espírito, nem se preocupe em agradá-lo. Concentre-se nas caídas dos búzios e procure interpretar fielmente aquilo que vê, falando como se estivesse sozinho ou jogando para si mesmo.

Tenha sempre a preocupação de confirmar o que está vendo, perguntando ao orixá que está respondendo naquela caída. A jogada de confirmação é feita com quatro búzios; mais adiante estão descritos os significados das várias possibilidades de caída.

Observe que há um limite para um determinado jogo. As respostas, caídas e simbologias começam a tornar-se repetitivas com o decorrer do tempo e com muita insistência nas mesmas perguntas.

Quando as caídas se repetirem e o consulente não se manifestar, avise-o do fato e pergunte se ele quer saber de algo que não tenha se manifestado no jogo. Não se sinta humilhado por isso: muitas vezes, quando o orixá não responde e não nos dá a solução de um problema, a causa é o próprio consulente. É preciso, nesses casos, remover do consulente o entulho espiritual formado por má-fé, descrença, curiosidade, medo e outros sentimentos negativos que o acompanham.

Quando sua mente não estiver acompanhando a leitura simbólica das caídas, procure lavar os olhos e despachar as forças negativas que o perturbam e atrapalham, espalhando água na entrada da casa e no chão em volta da mesa. Às vezes, para resolver o problema, é necessário agradar a Exu com uma oferenda na estrada ou na entrada de sua casa.

Quando o jogo ficar mudo, não se desespere; tente novamente e procure descobrir as razões do silêncio. Caso a situação persista, procure fazer algo pelo consulente e peça-lhe que volte vinte e quatro horas depois, ou de três a sete dias mais tarde.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Búzios: a fala dos orixás"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).